

UMA ABORDAGEM ACERCA DO AMBIENTE EM QUE O HIPERTEXTO SE MANIFESTA: UM MECANISMO QUE ULTRAPASSA OS LIMITES DIGITAIS*

Maria Dayane Lima Miranda (UEPB)
Sangela Lígia Camilo da Silva (ISESJT) (UEPB) (FAVENI)

Resumo: por muitas décadas fomos condicionados a entender a leitura como algo linear, seguindo uma sequência preestabelecida pelo autor, sem interferência alguma do leitor, todavia, com o decorrer dos anos, e os avanços nos estudos no campo da linguística, a sociedade passou enxergar a leitura por um ponto de vista mais cognitivo, de uma forma mais dinâmica, permitindo que o leitor possa fazer *links* durante uma leitura, alimentando, assim, ainda mais sua curiosidade e interesse; dessa forma nos deparamos com os hipertextos, que são um mecanismo indispensável em nosso meio, o qual surge como um ampliador de informação. A partir dessa perspectiva, levantamos um debate a respeito do ambiente em que o hipertexto se apresenta, partindo do princípio de que sua funcionalidade depende de um leitor e a carga intencional do mesmo, e não exclusivamente de meios digitais, assim podendo existir também fora da *web*; para tanto, a análise desta pesquisa, centraliza-se a partir de um estudo bibliográfico, sobretudo interpretativo, de acordo com a representação do Hipertexto, juntamente com sua funcionalidade e conceitos, dessa forma, usaremos como fonte de apoio para nossa pesquisa Lévy (1993), Koch (2005), Marcuschi (2005), (1999), Bairon (1995) entre outros.

Palavras-chave: hipertexto; *links*; complexidade; banco de dados; ambiente.

1 Introdução

O conceito de hipertexto passou a ser denominado como uma forma abstrata a partir do pensamento do filósofo e sociólogo Theodor Nelson (1937).

Inicialmente, o hipertexto de Nelson designava uma ferramenta literária que permitia ao autor revisar, comparar, alterar ou desfazer seu texto facilmente. (...) Nelson via o hipertexto como alternativa para a linearidade imposta às ideias pelos meios tradicionais, como os livros e os sistemas de catalogação e indexação. Nelson explica hipertexto como a escrita não-linear, o texto que se ramifica e fornece escolhas para o leitor e que é melhor lido numa tela interativa (REZENDE, 1999, p.1).

Em conformidade com a mesma linha de raciocínio, direcionamos nossa atenção para o que apresenta Marcuschi a respeito do hipertexto,

O hipertexto consegue integrar notas, citações, bibliografias, referências, imagens, fotos e outros elementos encontrados na obra impressa de modo eficaz sem a sensação de que sejam notas, citações, ou seja, subverte os movimentos e redefine as funções dos constituintes textuais clássicos. Um aspecto positivo decorrente do hipertexto é a crescente interdisciplinaridade que se estabelece como demolidora de fronteiras entre as áreas do conhecimento (MARCUSHI, 1999, p.1).

Conforme Marcuschi discorre, a dinâmica do hipertexto tem mais nuances do que aparentemente possamos enxergar, vai além de apenas uma tela digital e *sites*, parte do leitor,

* XV Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online.



podendo assim percorre uma multidão de gêneros textuais. De acordo com a mesma linha de raciocínio, centralizamos nossa atenção para a afirmação de Lévy (1993),

conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria deles, estende suas conexões em estrela, de modo reticular (LÉVY, 1993, p.33).

Dessa forma, a intenção do hipertexto para Lévy (1993) seria justamente a unificação de informações, fato que pode ocorrer em diferentes ambientes, independente do material ou ferramenta utilizada, uma vez que o princípio do hipertexto não parte de meios digitais, e sim da intenção do leitor. Isto posto, podemos identificar que tais pensamentos abrem margens para uma reflexão mais profunda em relação ao espaço em que o hipertexto se propaga.

Partindo desses princípios, podemos então especificar nossos objetivos da nossa pesquisa como: a) Compreender as definições e conceitos dos hipertextos; b) Evidenciar e interpretar a função do hipertexto nas leituras, tanto no meio digital quanto no meio físico, levando em consideração a linearidade das leituras; e c) Identificar e analisar como podem ocorrer os limites do hipertexto, de acordo com a influência do meio em que o leitor se encontra inserido.

Isto posto, a presente pesquisa possui caráter descritivo interpretativo, sendo realizada por meio de estudos bibliográficos, uma vez que se deu a partir de informações alicerçadas em discursos de fatos teóricos, sendo assim, direcionamos toda nossa abordagem de forma qualitativa, de acordo com a representação do Hipertexto, juntamente com sua funcionalidade e conceitos.

Logo, a relevância da presente pesquisa, se justifica por ser uma temática que precisa de mais discussões e visibilidade no âmbito acadêmico, desta forma, almejamos que possamos contribuir para o surgimento de novos estudos a respeito e assim, novas perspectivas.

2 Desenvolvimento

Se no ambiente digital o hipertexto funciona através de *links* e cliques, no mundo convencional, ao qual estamos inseridos em sociedade não seria algo tão indiferente. Se imaginarmos a mente humana como um banco de dados¹, veremos que toda e qualquer informação se agrupa como um amontoado de conceitos já estabelecido inconscientemente por nossas vivências empíricas, construindo assim um fluxo contínuo de informações.

Por essa perspectiva, Antônio Marcuschi acrescenta que “a ordem das informações não está dada na própria estrutura da escrita (...) o hipertexto não tem uma única ordem de ser lido. A leitura pode dar-se em muitas ordens. Tem múltiplas entradas e múltiplas formas de prosseguir (1999, p.1)”. Logo entendemos hipertexto como a ruptura da linearidade na leitura, seja por aparatos tecnológicos ou através de livros, construída por auxílio dos *links*/ligações, que tendem a complementar a leitura principal.

¹ uma organização e armazenagem de informações sobre um domínio específico. De forma mais simples, é o agrupamento de dados que tratam do mesmo assunto, e que precisam ser armazenados para segurança ou conferência futura.

Disponível em <https://rockcontent.com/br/blog/banco-de-dados/>. Acesso em 31 de ago. de 2021.



Os *links* funcionam, portanto, como portas de entrada para outros espaços, visto que remetem o leitor a outros textos virtuais que vão incrementar a leitura. Cada um desses textos, uma vez atualizado, torna-se, por alguns instantes, centro de atenção do leitor, para, logo em seguida, descentralizar-se no momento da atualização de outro(s) texto(s) da rede. Por esse motivo, cada leitura do hipertexto será uma leitura diferente, já que cada atualização é um evento único, com condições de produção próprias (KOCH, 2005, p.27).

Assim, como explica Koch, o hipertexto funciona como uma rede de apoio, um caminho que nos permite adentrar por uma floresta através de pistas já existentes, porém não percebidas antes, levando, assim, o leitor a percorrer seu próprio caminho, no seu próprio ritmo e dinâmica, tanto em uma leitura digital quanto durante uma narrativa convencional. Logo, o “hipertexto é, portanto, um texto constituído por traços peculiares, ele é um texto elástico, que se estende reticularmente conforme as escolhas feitas pelo leitor, possibilitando-lhe escolher a sequência do material a ser lido (KOCH, 2005, p.28)”.

Dessa forma, Bairon (1995, p. 45) acrescenta que o termo hipertexto nada mais é que “um texto estruturado em rede [...], uma matriz de textos potenciais”, de uma forma que cada texto vai acessar determinado arquivo na nossa memória, e assim uma nova leitura será realizada a partir desse arquivo principal, sendo ele apenas o primeiro passo diante de um caminho que o próprio leitor irá trilhar, sem a obrigação de seguir ou obedecer aos limites impostos pelo autor da leitura matriz.

Assim, quando nos deparamos com alguma nova leitura, conseqüentemente, novas informações são inseridas em nosso banco de dados, que automaticamente é acessado, dessa forma, conseqüentemente novas ligações entre leitura e informação são livremente realizadas; formando então uma rede de conteúdo.

Partimos do princípio que cada texto nos induz a acessar um arquivo já definido e selecionado em nossa memória, o hipertexto sugere enxerga-lo por meio de uma ótica cognitiva e complexa, portanto, individual e única.

O hipertexto não é feito para ser lido do começo ao fim, mas por meio de buscas, descobertas e escolhas, que irão levar à produção de UM sentido possível, entre muitos outros. Ou seja, no hipertexto a multiplicidade de leituras é condição mesma de sua existência: sua estrutura flexível e não-linear favorece buscas divergentes e o trilhar de caminhos diversos (KOCH, 2005, p.30).

Assim como Koch descreve, encontramos nos hipertextos a liberdade do leitor em produzir sua própria narrativa a partir da leitura que este faz, produzindo ligações e conexões com informações antes já concebidas durante uma outra leitura ou durante experiências vivenciadas.

De forma bem simplificada, poder-se-ia dizer que o termo hipertexto designa uma escritura não-sequencial e não-linear, que se ramifica de modo a permitir ao leitor virtual o acesso praticamente ilimitado a outros textos, na medida em que procede a escolhas locais e sucessivas em tempo real. (...) Isto é, o autor de um hipertexto distribui seus dados entre módulos que se interconectam por meio de referências computadorizadas, os hiperlinks (KOCH, 2005, p. 25-26).

Ou seja, se os hipertextos no contexto digital têm ajuda dos *hyperlinks*², os hipertextos no campo físico também têm o auxílio do nosso inconsciente (nosso banco de dados empíricos), sendo assim, “eles permitem ao leitor realizar livremente desvios, fugas, saltos instantâneos para outros locais virtuais da rede, de forma prática, cômoda e econômica (KOCH, 2005, p.31), desta forma, ambos seguem os mesmos padrões de comportamentos, apresentando, então, abordagem e características idênticas, uma vez que no campo digital os *links* fazem o papel de bancos de dados. Logo, a dinâmica do hipertexto funciona de forma cognitiva e inconsciente no leitor.

3 Hipertexto fora do contexto digital

A leitura de um livro convencional não é indiferente à leitura de uma narrativa digital, se nossa memória funciona como um banco de dados, podemos, sim, acessar inúmeras informações durante uma história, fato que transforma essa leitura, que aparentemente é linear em uma narrativa não linear, tudo irá depender da quantidade de informação que há armazenado em nosso *HD*³ interno, ou na nossa memória seletiva; fato que coloca o leitor como agente principal.

Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais, que o leitor reinventa, podem ser incorporados à estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita (LÉVY, 1996, p.46).

Por seguinte, a afirmação de Lévy (1996) nos permite certificar que, por mais que haja um mundo de complexidade envolvendo toda funcionalidade do hipertexto dentro dos meios em que este se propaga, a existência desse aparato só é possível por causa do leitor, uma vez que sem o leitor não haveria possibilidade de tal mecanismo.

A partir desse contexto, e levando em consideração que qualquer ação primeiramente é colocada em prática em nosso subconsciente, para que só depois possa ser executada, podemos exemplificar nossa linha de raciocínio usando como parâmetro o sermão de um pastor durante uma pregação na igreja.

Imagina-se que durante um culto, o pastor utiliza a *Bíblia* para iniciar seu sermão, o emissor inicia sua leitura abordando determinado assunto no primeiro capítulo, entretanto, alguns capítulos a seguir, o emissor encontra algumas informações a mais, necessárias à sua

² Hiperlink é exatamente o mesmo que um *link*, ligação ou hiper ligação dentro de um hipertexto, apesar de ser chamado de forma diferente. É simplesmente uma forma de referenciar algo e com a finalidade de ligar um documento a outro documento ou de ligar uma página a outra.

Disponível em <https://proddigital.com.br/tecnologia/hiperlink>.

Acesso em 29 de set. 2021.

³ Significa “Disco Rígido”. O disco rígido é a memória permanente do computador e armazena todas as informações que são salvas pelo usuário, além de aplicações próprias do sistema operativo. O disco rígido é um dispositivo com grande capacidade de armazenamento de dados e que vem incorporado ao computador.

Disponível em <https://www.significados.com.br/hd/>.

Acesso 29 de set. 2021.

abordagem inicial, e passa a produzir seu discurso a partir de dois capítulos não sequenciais, intercalando entre eles relatos de experiências e explicações.

Observa-se que o emissor faz uso de uma narrativa linear e sequencial, entretanto, segue uma leitura não sequencial, definida a partir de sua própria intenção, a qual é permitido a partir de ligações que ele mesmo realiza em sua abordagem, sem interferência do autor da obra.

Nota-se que nesse contexto, o próprio leitor que definiu seu padrão de leitura, de acordo com sua finalidade, temos então, a formação de um hipertexto, não feito entre meios digitais, mas realizado livremente em nosso mundo real, por meio de um texto que se trata de uma narrativa linear.

Logo, sabe-se que o leitor de um texto constrói a sua coerência ao ser capaz de, por meio das intrincadas teias que nele se tecem durante a progressão textual, estabelecer mentalmente uma continuidade de sentidos (KOCH, 2005, p. 30 -31)”, compreendemos assim, que os hipertextos funcionam como uma corda, amarrando informações ao longo da leitura, oferecendo ao leitor uma trilha, assim, o leitor passa ser um coautor, e não apenas um mero telespectador da narrativa.

Em outras palavras, os links são dotados de função dêitica pelo fato de monitorarem a atenção do leitor no sentido da seleção de focos de atenção, permitindo-lhe não só produzir uma leitura mais aprofundada e rica em pormenores sobre o tópico em curso, como também cercar determinado problema por vários ângulos, já que remetem sempre a outros textos que tratam de um mesmo tópico, complementando-se, reafirmando-se ou mesmo contradizendo-se uns aos outros (KOCH, 2005, p.26).

Em concordância com Koch, podemos afirmar que os links funcionam como uma forma de direcionamento do leitor para um determinado caminho, mas sem imposição, dependendo apenas do interesse do próprio leitor; dessa forma, percebemos que antes de qualquer *click* o primeiro passo ocorre na cabeça do leitor, mesmo de forma involuntária. Dessa forma, o que é oferecido ao leitor em uma tela, antes de um *click* ou qualquer outra coisa, passa primeiramente por um mecanismo de “aval” em seu inconsciente, que define, seleciona e categoriza, e assim, interligando ideias e interesses.

4 Limites em um contexto sem limites

Koch (2005, p.30) ressalta que “do ponto de vista da leitura, perceber o que é relevante vai depender em muito da habilidade do hiperleitor não só de seguir as pistas que lhe são oferecidas, como de saber até onde ir e onde parar”. Desta forma, é de suma importância entender os limites, compreende-se que, por mais que o hipertexto ofereça ao leitor a liberdade para trilhar outras novas fontes de informações, esse caminho trilhado pode induzir o leitor a se deparar com apenas um amontoado de ideias, sem qualquer conexão entre elas, nem finalidade.

Ao permitir vários níveis de tratamento de um tema, o hipertexto oferece a possibilidade de múltiplos graus de profundidade simultaneamente, já que não tem seqüência nem topicidade definida, mas liga textos não necessariamente correlacionados. Neste caso uma leitura proveitosa do hipertexto exige um maior grau de conhecimentos prévios e maior consciência quanto ao buscado, já que é um permanente convite a escolhas muitas vezes inconsequentes (MARCUSCHI, 1999, p.1).

Assim nos deparamos com os limites dentro de um contexto sem limites, ao encontrarmos uma narrativa, podemos introduzir informação não citadas pelo o autor, podemos

acrescentar fatos, debulhar sinônimos, mudar adjetivos, podemos desenhar ambientes de acordo com a realidade que nós conhecemos, isso tudo de acordo com a narrativa a qual estamos lendo ou acessando, todavia, o hipertexto perde sua funcionalidade quando os elementos acrescentados, os *links* e ligações criadas, não colaboram com a leitura, sendo apenas informação por informação.

Se ao ler um poema, deparamo-nos com alguma palavra de nomenclatura desconhecida, e na tentativa de entender melhor, formos em busca dessa palavra em um dicionário físico, estaremos fazendo um *link*/ligação entre o dicionário e o livro em que a narrativa está introduzida; entretanto, se ao pegar essa mesma narrativa, com essa mesma palavra desconhecida, e na tentativa de aliviar nossa dúvida, pegarmos esse mesmo dicionário, mas durante a busca pela palavra se distrairmos com outra palavra que não seja aquela mesma da narrativa, e nem tenha ligação alguma, o hipertexto já não apresentará mais como um mecanismo de apoio, mas um mecanismo de distração, fato que também ocorre no mundo digital.

Logo, é necessário impor limites, para que o foco da leitura não seja meramente esquecido, ou a leitura se transforme apenas um amontoado de informações sem qualquer finalidade, assim, entendemos que por mais livre e libertador que os hipertextos possam se apresentar, é necessário que o leitor tenha disciplina ao fazer os *links* de ligação, tanto no contexto digital quanto no contexto físico.

5 Conclusão

A presente pesquisa, abordou um estudo realizado sobre a funcionalidade e conceitos dos hipertextos, por intermédio das características presentes no mesmo, mediante as definições e funções aqui apresentadas, com a finalidade principal de provocar uma discussão e assim uma reflexão a respeito do meio em que o hipertexto se manifesta.

Dessa forma, o contexto trata especialmente de enxergar o hipertexto não apenas como um mecanismo com funcionalidade em um campo digital, mas também no campo real, manifestado também nas leituras feitas em narrativas linear, partindo do princípio que o propósito do hipertexto é interligar elementos que se conectem durante uma leitura, formando assim, uma rede de informação complementares.

Seguindo por essa perspectiva, a abordagem provoca uma reflexão acerca dos elementos norteadores do hipertexto, independente do ambiente em que se encontra. seja no meio digital seja no âmbito físico, como funcionalidade e a não linearidade; levando em consideração, ainda, que se trata de um mecanismo abstrato e, portanto, cognitivo. Dessa forma, destacamos que sua funcionalidade depende primeiramente de um leitor e a carga intencional do mesmo, e assim podendo existir também no campo físico e não exclusivamente no âmbito digital.

Podemos assim, afirmar que o hipertexto se desenvolve de forma contínua e infinita no campo digital sim, entretanto, não podemos descartar a possibilidade da existência do mesmo em nossa sociedade.

Já por sua vez, no campo real, em uma leitura convencional, tudo irá depender das possibilidades de acesso à informação em que determinado leitor carrega dependendo do espaço em que se encontra inserido, ao contrário do mundo virtual, que esse limite não existe, havendo uma infinidade de probabilidades, dependendo apenas de cliques onde a eventualidade de distração é bem maior.

Logo, se limitarmos o processo do hipertexto apenas ao campo digital, estaremos ignorando todo processo cognitivo que ocorre no leitor durante uma leitura linear convencional,

uma vez que a peça fundamental para que toda essa engrenagem possa funcionar é o próprio leitor, seja no meio digital ou no âmbito físico.

Referências

BAIRON, S. **Multimídia**. São Paulo: Global, 1995.

KOCH, I. G. V. **A construção de sentidos no hipertexto**: demandas linguísticas e cognitivas. In: Encontro nacional sobre hipertexto, 1, 2005, Recife.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: ED. 34, 1996.

LOURENÇO, Luis. **Proddigital**. Entenda o que é hiperlink: como pode ser usado, onde e como usar. 2020. Disponível em <https://proddigital.com.br/tecnologia/hiperlink>. Acesso em: 29 set. 2021.

MARCUSCHI, L. A. **Linearização, cognição e referência**: o desafio do hipertexto. Línguas e Instrumentos Linguísticos, n.3, p.21-45, 1999. Campinas – SP.

MARCUSCHI, L. A. **Heráclito e o hipertexto**: o logos do hipertexto e a harmonia do oculto. In: Encontro nacional sobre hipertexto, 1, 2005, Recife.

NELSON, T. H. **Opening hypertext**: a memoir. In: TUMAN, M. C. (Ed.). Literacy online. Pittsburg: Universit of Pittsburg Press, 1992. p.43-57.

REZENDE, A. M. G. Hipertexto: tramas e trilhas de um conceito contemporâneo. **Informação e Sociedade: Estudos**, v. 10 n.1 2000, n. 1, 2000. Disponível em <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92910>. Acesso em: 29 set. 2021.

SIGNIFICADO DE HD. **Significados** Tecnologia. 2020. Disponível em <https://www.significados.com.br/hd/>. Acesso em: 29 set. 2021.

SOUSA, Ivan. **Banco de dados**: saiba o que é, os tipos e a importância para o site da sua empresa. **Rock conectent**. 2020. Disponível em <https://rockcontent.com/br/blog/banco-de-dados/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

